

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JULHO/99- ANO III - Nº 30

EDITORIAL

O dia 26 de junho foi lembrado como Dia Mundial Contra as Drogas. Em todos os países dos cinco continentes a sociedade tem se organizado para combater as drogas, que são a maior preocupação de todos os governos.

Cada vez mais cedo os jovens estão tendo contato com algum tipo de droga, sendo a prevenção e o combate um sério desafio para autoridades, pais, professores, enfim, para toda a sociedade.

Em 1997, trabalho realizado pelo Ministério Público de Piquete e a Fundação Christiano Rosa, com a participação de representantes de todas as entidades de nossa cidade, mostrou que as drogas e o álcool lideram as preocupações dos nossos munícipes, seguidos pelos problemas relacionados ao funcionamento de nosso hospital. Algumas sugestões foram apontadas, um tímido trabalho foi feito nas escolas, e mais nada. Na verdade, o problema é muito mais sério. O tráfico está intenso em nossa região e, portanto, cada vez é mais fácil a obtenção de drogas pelos jovens. É raro o aluno que não conhece alguém que a usou ou a está usando.

Num diagnóstico mais preciso, constata-se que nossa sociedade está doente. Sofre de apatia e desesperança. Os sucessivos desgovernos, o imobilismo e as poucas ações com resultados que contemplem as necessidades da população, associados a baixos salários e desemprego, concorrem para a destruturação familiar, a baixa estima dos jovens e a entrada destes no mundo das drogas.

É precisa uma reação conjunta de toda a sociedade, buscando fortalecer a cidadania participativa e que, indistintamente, possamos colaborar para melhoria do município por meio de ações integradas.

Piquete é uma cidade pacata e de poucos recursos. No entanto, poderá, se bem gerenciada e com vontade coletiva, buscar alternativas para a melhoria da qualidade de vida de sua população, em que as drogas não estarão presentes. Não podemos nos curvar frente à marginalidade que corrompe nossa juventude. É preciso descruzar os braços e criar mecanismos que venham atender as necessidades básicas da população – educação de qualidade e profissionalizante, esporte e lazer em todas as áreas do município e meio ambiente equilibrado. Assim, os jovens, num clima saudável e fraterno, com expectativas promissoras, terão muitas opções com que se preocupar e saberão dizer não às drogas.



Membros da Fundação Christiano Rosa, na Fazenda Boa Vista, em Roseira, por ocasião do recebimento da “Distinção Cultural Paulo Camilher Florençano”.

FCR recebe “Distinção Cultural” do I.E.V.

A Fundação Christiano Rosa foi premiada com a Distinção Cultural “Paulo Camilher Florençano”. Este prêmio é concedido pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos (I.E.V.), como mérito para pessoas ou entidades que tenham prestado acentuada contribuição à memória regional.

A cerimônia de entrega do prêmio aconteceu no dia 26 de junho, às 16 horas na Fazenda Boa Vista, em Roseira, propriedade do Professor José Luiz Pasin, ocasião em que foram comemorados os 26 anos de fundação daquele Instituto. Estiveram presentes pesquisadores, historiadores e interessados pela cultura do Vale do Paraíba. A Fundação Christiano Rosa se fez presente com sua diretoria, amigos e colaboradores.

Coube ao Prof. Nelson Pesciotta, presidente do I.E.V., saudar a Fundação. Agradeceu, em nome desta, a presidente do Conselho Curador, Profa. Ana Maria de Gouvêa, que em seu discurso reafirmou a importância do I.E.V., que vem prestando abnegados serviços à população valeparaibana. “A seriedade desse Instituto tem sido percebida na medida em que sua interferência nas ações civis e de governo têm provocado fortes mudanças de comportamento e opiniões nos diferentes segmentos da sociedade, contribuindo, assim, para a melhoria da qualidade de vida de nossa população e para o desenvolvimento da região.

Quanto ao recebimento da Distinção,

afirmou que “o prêmio tem significativa importância para nossa entidade. O patrono da distinção, Prof. Paulo Camilher Florençano, valeparaibano de Taubaté, durante toda sua vida empenhou-se na divulgação e preservação da memória e cultura nacionais. Pessoa de notoriedade nas áreas da educação, artes plásticas e museologia. Entre seus inúmeros trabalhos, vale destacar o tão importante Museu e Arquivo Histórico de Taubaté, depositários da memória valeparaibana no período bandeirante, referência obrigatória para pesquisa de estudiosos e de todos que se interessam pela história de nossa região.

Receber a distinção Paulo Camilher Florençano significa que a Fundação Christiano Rosa tem percorrido, nos dois anos de existência, o caminho correto.

Trabalhar para o resgate e preservação de nossa memória, bem como do nosso patrimônio histórico, artístico, arquitetônico e paisagístico, procurando apoiar e incentivar atividades nos campos da educação, cultura, artes, ciências e tecnologia é uma tarefa difícil e pretensiosa. Estamos nos espelhando no exemplo daqueles que, como Paulo Camilher Florençano, Célia Aparecida Rosa – instituidora de nossa Fundação – e membros do I.E.V., dedicaram e dedicam parte de suas vidas ao serviço da cidadania”.

Os membros da Fundação voltaram satisfeitos pela divulgação de aspectos de nossa cultura.

Imagem - Memória

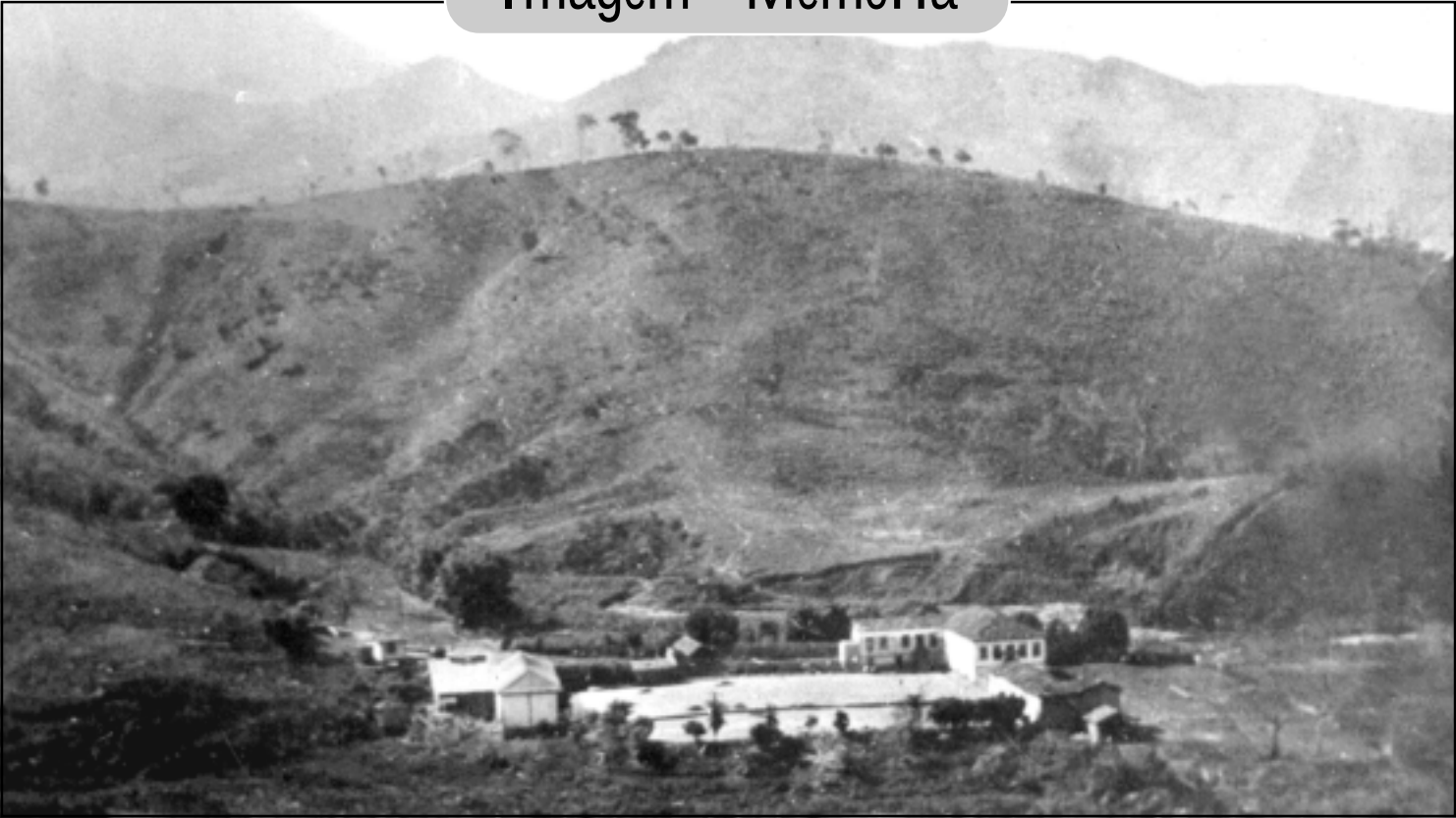


Foto arquivo Pro-Memória

Vista panorâmica da Fazenda Santa Lydia. Fotografia tirada pelos alunos do Colégio São Joaquim, em 1928.

Passeio à Fazenda Santa Lydia, na Serra da Mantiqueira

A vocação para o turismo rural é antiga em Piquete. Vem do século passado, quando os lorenenses procuravam seu bairro rural para tratamento de ares ou descansar nos dias quentes de verão. A proximidade da serra, a paisagem e o clima ameno atraíam a vizinhança, que esperava ansiosa a chegada do fim de semana ou feriados para lá se dirigir.

Durante o período das festas de Santa Cruz, juninas e do padroeiro local, São Miguel, aumentava o fluxo de visitantes que, a pé, a cavalo ou em carros de boi, vinham para Piquete – ocasião em que, com música, danças e comidas tradicionais, confraternizavam-se com os moradores locais e de fazendas mais distantes.

Com a inauguração do ramal férreo, no início deste século, houve crescimento no número de turistas que vinham para Piquete, no trem operário da manhã e retornavam, no final da tarde.

Para os alunos salesianos do “São Joaquim”, de Lorena, desde sua inauguração em 3 de março de 1890, passear periodicamente pelas localidades da região fazia parte das atividades do colégio. A pé ou de trem buscavam, com frequência, as encostas mantiqueiras.

A Vila da Estrela e a Fábrica de Pólvoras recém inaugurada, além das inúmeras fazendas, faziam parte das preferências dos alunos. Muitos desses passeios ficaram registrados nas páginas da revista “O Grêmio”, como o ocorrido em 18-07-1929, em que, com minúcia de detalhes é descrito um passeio à fazenda Santa Lydia, no bairro do Itabaquara: a hospitalidade dos proprietários, o bucolismo do lugar, suas construções, o dia-a-dia e o sarau promovido

pelos alunos, nos seus amplos salões, servem de referência para nossos dias, quando o turismo rural está sendo proposto como alternativa econômica capaz de gerar recursos para nosso município.

Em três “auto-ônibus”, os alunos partiram, numa fria manhã de julho, em direção a Piquete. Vinham fazer um passeio à Fazenda Santa Lydia. Às 7 horas da manhã, chegaram em frente ao Hotel das Palmeiras, na Praça Mal. Mallet, onde eram aguardados pelo Sr. Augusto Marx, guia que os acompanhou até a fazenda.

Após 3 horas de caminhada, encontraram-se com o Cel. Antônio Pelúcio, proprietário da fazenda, acompanhado do Sr. Carlos Alberto de Carvalho e dois filhos. Mais 25 minutos, numa curva, avistaram “nítida e esplandecente, a silhueta da fazenda”.

“... Era linda... Obedecia à mais perfeita e encantadora disposição artística. Na frente, via-se a parte principal, onde estava instalada a família, com seus principais cômodos: uma bela e primorosa vivenda. Ornava esplendidamente a entrada da varanda um elegante jardim tratado com muito esmero. Mais além, do outro lado, estava a casa das máquinas com o engenho, o alambique, as roletas de pulverizar o talco e a máquina de beneficiar café. À direita da casa das máquinas, um pouco mais acima, despenhavam-se, em lindos borbotões, jatos impetuosos de água que ia fornecer energia às máquinas. Entre a vivenda da família e a casa das máquinas estendia-se, imenso, o terreiro de café; tinha ainda outras repartições, e.... em suma, cheia de estética e com todos os requisitos e confortos duma esplêndida fazenda, pode-

se afirmar, sem receio de errar, que de todas as da Mantiqueira, essa é, incontavelmente, a mais bela. Tais são os ligeiros traços da fazenda Santa Lydia....”

Durante esse passeio, os alunos aproveitaram os ribeirões para pescaria e natação, as trilhas por entre as matas, o futebol, as duchas existentes para banho. À noite, ao som do piano e de outros instrumentos, um sarau – hábito muito apreciado no século passado e início deste, que vem sendo resgatado em várias regiões.

Ao término do passeio, agradeceram aos Srs. Antônio e Maria Pelúcio que, com a ajuda de seus filhos, “se empenharam em extremo para o bom êxito do passeio.”

Fica o exemplo de hospitalidade que merece ser imitado hoje, 70 anos após, por todos que queiram trabalhar com turismo, em nosso município.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Neto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. R. Ramos

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

“D. Eudóxia”

“Piquete se identificou de imediato com os soldados da Lei e da Liberdade. Toda a sua população irradia simpatia viva e comunicativa pelos bravos defensores do Brasil ultrajado. As senhoras e senhoritas, então, são inexcedíveis em gentilezas. E todas, sem exceção, envergam encantadores blusões e bibi pardos...”

Tudo quanto o povo possui está à disposição de nossas tropas...”, registrou o jornalista Armando Brussolo, em “Tudo pelo Brasil”.

Dona Eudóxia nasceu em 05-03-1914, na Fazenda Santa Izabel, então propriedade do Maj. Carlos Ribeiro, onde seus pais, Edwírges de Jesus e Paulo Leite da Silva, eram administradores.

De sua infância guarda vivas recordações de figuras exponenciais da história de nossa cidade: as lideranças políticas Maj. Carlos Ribeiro e Cel. Luiz Relvas, dono de um antigo e abastado armazém, próximo ao Grupo Escolar. O carinho e respeito aos professores estão presentes em suas memórias – Prof. Frederico Silva Ramos, Carlina Barbosa, Alcina Rodrigues, que lhe ensinou a bordar, Prof. Luiz de Castro Pinto, seu diretor e hábil desenhista, dos colegas de turma e fatos pitorescos ocorridos nesta fase de sua vida. Lembra-se da dedicação dos mestres e da qualidade do ensino ministrado até o quarto ano do Grupo, conhecimentos que a habilitaram para lecionar por nove anos na Escola Rural, no Barreiro.

Em 1932, ao eclodir a Revolução e a ocupação da cidade por tropas constitucionistas, trabalhou junto de suas irmãs e amigas, como cozinheira, para atender aos soldados. Seu cunhado Genaro Coelho (Seu Vidinho) era quem fornecia alimentação para a oficialidade aquartelada no antigo Hotel das Palmeiras, inclusive o Major Leôncio Neiva, comandante deste setor – o Hotel teve sua proprietária e empregados desalojados, em nome da Revolução.

Com o desfecho do conflito e a aproximação dos soldados federais, refugiou-se, junto com sua família, no Itabaquara, retirando-se, mais tarde, com parte da população, para São Paulo. O trem só viajava à noite. Recorda que nessa epopéia, além do desconforto, parava-se de cidade em cidade, quando mais passageiros



embarcavam. Após três dias de viagem, chegaram. Fato tragicômico, na recepção, foi a alimentação servida aos famélicos retirantes: preparada no dia anterior, quando eram esperados, a bôia foi servida azeda, o que causou forte disenteria em grande parte das pessoas.

Após 27 dias, retornaram a Piquete, quando constataram que a ponte sobre o Paraíba havia sido dinamitada. Sua travessia foi outro marcante acontecimento no desfecho da Revolução.

Em 1933, casou-se com o Sr. Leopoldo Humberto de Carvalho, união de 63 anos que lhes deu três filhos – Alba, Reginato e Edwírges, oito netos e dois bisnetos.

Dona Eudóxia sempre foi muito comunicativa e popular. Por muitos anos, na década de 1940, em sua casa ficava o único telefone da cidade. Como telefonista, recebia e transmitia recados. Daí, seu grande círculo de amigos.

Dona Eudóxia Leite de Carvalho, hoje com 85 anos, mantém viva suas memórias, parte integrante da história piquetense. Neste mês de julho, ao comemorarmos a Revolução Constitucionalista de 1932, homenageamos, através dela, as mulheres piquetenses que, sem exceção, se fizeram presentes contribuindo para a causa paulista, cujo objetivo era dar ao país uma Constituição.

Soldados no Largo da Estação Ferroviária de Piquete, durante a Revolução Constitucionalista de 1932.



Ao meu Senhor.

Por tantas vezes imagino-me senhor dos tempos. Desafiando a física, viajo ao passado e revejo os acontecimentos. Assim fiz por esses meses. Li a carta de Caminha, de 1500, a carta de São Vicente, de 1560 e ainda “Viagem à Terra do Brasil”, de Jean de Léry, 1576. Não o fiz como mero leitor, mas como viajante que sou. Enveredei por aqueles caminhos, aquelas matas, aqueles rios grandiosos e mares revoltos. Nessa viagem topei com um índio tupinambá que me mostrou a terra das Palmeiras - Pindorama - que os portugueses, por um capricho de orgulho, insistiram em chamar de (mesmo que futuramente) Brasil. Ah meu Senhor, quantas águas que vi. Brotavam por toda parte, qual formigas em formigueiro. Das terras da Bahia ao rio da Prata, do Maranhão até as águas grandiosas visitadas por Pinzon. Diz Caminha, já no entardecer das palavras, em sua carta: “Águas são muitas: infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.” E assim, pela profecia de Caminha, os homens fizeram. Ocuparam a terra. Antes de plantar, porém, cortaram a madeira de fogo, de vermelho vivo, o pau-brasil. E levaram, e levaram, e levaram e se não fosse a criação dos corantes, meu Senhor, ela teria acabado. Então plantaram açúcar. Moíam, curavam e o ouro branco daqui brotava. Precisavam de mais espaço, muito mais. Tantas matas derrubavam, e diziam: “Tanto há que nunca se acabam”. Chegaram franceses e holandeses e aqui aportaram. No Recife, o senhor Nassau decreta: “Não se pode atirar o bagaço da cana nos rios. Perdem-se as águas, morrem os peixes, vem a fome”. Sabe Senhor, ele foi o único, e durou aqui apenas 24 anos. Foi-se para as terras de Holanda - “Moinhos, moinhos, moinhos de Holanda, moinhos das Índias Ocidentais”. Acabou-se a Companhia das Índias Ocidentais. Poderia nesta, Senhor, escrever dias, mas não é esse o propósito. Acelero esse meu passeio e venho parar nesta região, Vale do Paraíba. Aqui vejo o café tomar as matas, expulsar os puris e engolir as águas. O café deu lugar ao gado, e estes àqueles paus vindos de terras australianas. Penso em Caminha, a escrever ao rei dos reinos de Minho e Douro, hoje, ao observar essas terras:

“Ainda há água: finita. E em tal maneira agonizante, que, querendo-a aproveitar, ter-se-á que preservá-la, por bem dos povos que dela vivem.”

Isso é tudo, meu Senhor. Deste Porto, quicá Seguro, da nossa terra de Brasil, hoje, sexta-feira, nono dia de julho de 1999.

Luiz Flávio Rodrigues

Exposição

“Troveirismo e Tradição”

21-08-99 a 29-08-99

**Espaço Cultural
Célia Ap. Rosa**

CARTA DE CAMINHOS

11. A importância dos caminhos do Sul: de Viamão a Sorocaba

A partir de 1730, com a abertura da estrada dos Conventos⁽¹⁾ e a introdução do movimento dos muare, facilmente encontrados no sul, em direção às fontes consumidoras, Viamão⁽²⁾ tornou-se a grande fonte exportadora e Sorocaba, o mercado principal.

No ano de 1731, Cristóvão Pereira de Abreu iniciou esse trânsito a partir de Viamão. Os núcleos formados ao longo do traçado desse caminho deram origem a importantes cidades e entre elas: Viamão e Vacaria, no Rio Grande do Sul, Lages, em Santa Catarina, Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Pilar, Jaguariúva e Sengés, no Paraná. Essa área era, de modo geral, denominada de Campos Gerais⁽³⁾. Formavam-se aí as fazendas de criar muare e bovinos, e invernadas.

Consta que entre 1725 e 1744, mais de noventa Sesmarias foram requeridas nessa região por pessoas de São Paulo, Santos e Paranaíba.

O percurso entre Viamão (Rio Grande do Sul) e Sorocaba (São Paulo) se fazia através de diferentes paisagens e ecossistemas. Do sul, na área de Viamão, o domínio é da vegetação de campos, para depois atingir o da floresta subtropical, com as araucárias e, depois, já no estado de São Paulo, passar pelos cerrados, os campos limpos e a floresta semi-úmida do interior.

É por isso interessante conhecer os relatos das viagens, os depoimentos dos tropeiros, que se movimentavam bem na área dos campos, mas sofriam intensas penúrias nos relevos mais acidentados e na vegetação densa das matas. Mas também a presença dos “bugres” representava perigos. A passagem dos tropeiros e suas tropas nos campos não era simplesmente tranqüila; havia charcos, falta de relva nova para alimento, no fim do inverno, dificuldades para manter o gado que, emagrecido, não rendia os resultados esperados. Estas são citações dos relatos de Robert Avé-Lallemant, em “Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo” (1858) in Arantes e outros⁽⁴⁾.

Os Campos Gerais, área de movimentação do tropeirismo, e a maior porção dos campos atravessados nesse movimento contam com cerca de 20.000 km² e correspondem em extensão de percurso a 350 quilômetros entre o Rio Negro, atual limite dos estados de Santa Catarina e Paraná, e o município de Itapeva, em São Paulo. Auguste de Saint-Hilaire ao percorrer a região, extasiava-se ao reconhecê-la e descrevê-la. Diz ele, em 1820, registrando suas impressões na obra “Viagens à Comarca de Curitiba em 1820”, São Paulo, Itatiaia, 1978: “Esses campos constituem inegavelmente uma das mais belas regiões que já percorri desde que cheguei à América”.

Os Campos Gerais não constituem áreas baixas. Na realidade, suas altitudes, em média, estão entre 1000 metros, numa extensão planaltina que corresponde ao chamado Segundo Planalto Paranaense, na classificação de relevo apresentada por Aroldo de Azevedo e, onde a rocha calcárea e o arenito elaboram formas especiais na paisagem. São comuns as presenças de

vales profundos, furnas, cavernas e “sumidouros” de águas infiltradas. Externamente, as formas são onduladas. A vegetação inclui os campos limpos de vegetação baixa, capões de mata e as araucárias conhecidas pelo nome de pinheiros do Paraná.

A presença dos campos favoreceu a formação de pastagens e a instalação das fazendas de criar.

A partir do caminho das tropas começaram a surgir relatos, mapas, construções de capelas, descrições de viajante e documentos de posse de terras e de instalação de gado, além das informações orais dos tropeiros.

Foi possível indicar o caminho eixo e o registro de variantes associadas que surgiam ao sabor do interesse da ocupação da área e dos fazendeiros. À medida que as fazendas e capelas se assentavam, as descrições especificavam a modalidade dos transcurso, as dificuldades e as “formas de aproveitamento, e estas, por suas especificidades, serviam para a denominação de locais: Capela do Tamanduá, Capão da Índia, Curral de Nossa Senhora, Registro, (Registro de Curitiba), Porcos de Cima e Porcos de Baixo, (Fazenda Porcos), Almas (Fazenda das Almas), Fazenda Bugio, Fazenda Amola Faca, etc.

O imaginário popular ia dando referência às localizações e os cantos de caminho, os contos e as lendas recheados de imaginação, as tradições e as informações práticas ou fantasiosas coloriam o conteúdo humano construindo um espaço especial na identidade regional que configuraria, finalmente, a carta do país. Das diferentes caracterizações regionais surgiu o Brasil como um país de largas dimensões; portanto, não foi sem motivos a dificuldade e a demora em unificá-lo espacialmente.

Mas a integração acaba tendo um custo elevado: o da perda do patrimônio da memória, e, por consequência, da identidade e do substrato construtivo do caráter humano dos diversos grupos sociais⁽⁵⁾.

Fica aqui, o registro de um importante canto de caminho recolhido dos Campos Gerais:

*Pelos caminhos nevoentos
Passam tropeiros no tempo
Sobem o Morro dos Conventos
Passam por Castro e Lages
Vêm de distantes paragens
Vêm dos campos de Bagé
Demandam Itapetininga
Itapeva e Itararé*

*Cortando a crista dos cerros
Nova estrada do Planalto.
Em tranco as mulas bravias
Margeiam sombras de mato.
Tinem distantes cincerros.
Cruz Alta está no caminho.
São partes dessas volteadas
Passo Fundo e Carazinho.*

*É sempre a estrada, o começo.
E o tempo traçando rotas
O caminho de ida e volta
É a vida que não se acaba:
Porque vale o que ficou,
De tantas vidas passadas
É a vida sempre um começo
Nas feiras de Sorocaba.*

*Tropeiro, herdeiro da sina,
Sigo rastros nas estradas,
Venho campeando manadas,
No xucro virar dos dias.
E, lá de uma serraria,
De um rincão de Soledade,
Te trago a tralha do tempo
E a canastra da saudade.⁽⁶⁾*

NOTAS: ⁽¹⁾ Referência ao Morro dos Conventos, um dos importantes pontos de apoio do Caminho do Sul, na margem esquerda do Rio Araranguá. ⁽²⁾ Viamão localiza-se no centro-leste do Rio Grande do Sul. ⁽³⁾ A denominação geral de Campos Gerais inicia-se no norte-nordeste do Rio Grande do Sul e atravessa o leste de Santa Catarina e do Paraná. ⁽⁴⁾ ARANTES, Aimoré Índio do Brasil e outros - “Projeto Caminhos das Tropas: Importância dos Caminhos Primevos do Paraná na Integração do Brasil Meridional/Levantamento Físico-Geográfico e Histórico”. Secretaria de Estado de Cultura do Paraná. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. ⁽⁵⁾ É importante considerar que ao lado da evolução na instalação de fazendas de criar, invernadas e pastagens junto aos caminhos do sul, para distribuição para as regiões mineiras de Minas Gerais e Cuiabá e do Nordeste açucareiro a partir da feira de Sorocaba, criava-se uma identidade brasileira no encontro das culturas elaboradas no sul e na região das Minas, além dos contactos com o Nordeste dos engenhos. Não havia ainda um conceito de Brasil, mas elaboravam-se as bases de uma nacionalidade e um recorte regional. Hoje, quando analisamos esse corte em profundidade nas regiões citadas, encontramos as marcas dessa construção, onde, além dos vocábulos, das maneiras de falar e de agir, os topônimos e as referências são marcas indelévels e reconhecíveis. Hoje, o recolhimento das informações orais das histórias familiares, da pesquisa dos registros dos documentos, da cartografia dos lugares, reconhecem-se estas influências e codifica-se o conjunto dos elementos básicos do país na construção do espaço nacional, sua cultura, história e geografia. E deve ficar claro que, na identidade que temos, entrou toda a carga das influências que recebemos do conjunto dos elementos que aqui se encontraram, portadores de suas identidades. ⁽⁶⁾ ZIMMERMANN, Florisbela Carneiro - Poema “Ao tropeiro” In ZIMMERMANN, Florisbela Carneiro e ZIMMERMANN Neto, Adolfo - “Biribas” A contribuição do tropeiro à formação histórico-cultural do Planalto Médio Sul-Riograndense”. Sorocaba: Fundação Ubaldo do Amaral, 1991, p. 45. **FONTE:** O presente trabalho foi em parte apoiado na pesquisa interdisciplinar do “Projeto Caminho das Tropas: Importância dos Caminhos Primevos do Paraná na Integração do Brasil Meridional / Levantamento Físico-Geográfico e Histórico”, realizado por: - Aimoré Índio do Brasil Arantes - História - Almir Pontes Filho - Geografia - Cristina Klüppel - História - José Luiz de Carvalho - Geografia - Henrique Paulo Schmidlin - Direito Ambiental, integrantes da Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Publicado em História e Cultura. Revista História e Cultura. Col. Cultura e Cidadania. Publicação do V Encontro Regional de História - Associação Nacional de História/ANPUH. Núcleo Regional do Paraná, Ponta Grossa - 1997, p.135-174.

A Coordenadoria do Patrimônio Cultural (CPC) da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná iniciou o Projeto Caminho das Tropas, no ano de 1985, do qual o trabalho acima citado faz parte.

Dóli de Castro Ferreira

Na “18ª Festa do Tropeiro de Piquete”, o resgate da tradição tropeirista



Foto Alzira Beckmann

Tropa com cargueiros, no desfile do dia 10-07-1999.

Desde o século XVIII, nossa região foi percorrida por inúmeras tropas vindas de Minas. Elas desciam a serra, parando em inúmeros pousos instalados ao longo do caminho, para descanso. As tropas foram o meio de transporte característico de nossa região e responsáveis pela integração de diversas comunidades, bem como veículo de transporte e circulação de produtos e mensagens.

Foram os tropeiros, depois dos bandeirantes, os responsáveis pela integração nacional e também pela consolidação de nossas fronteiras.

Portanto, é mais do que justo o resgate e a divulgação da cultura tropeira pelo vale do Paraíba, corredor natural entre o litoral e o sul de Minas. É preciso, cada vez mais, trabalhar essa cultura e resgatá-la em nossa cidade. Por nossa zona rural, os burros cargueiros e os carros de boi ainda fazem parte da paisagem. A culinária,

as histórias e o artesanato precisam ser conhecidos e valorizados.

Daí a importância desta 18ª Festa do Tropeiro de Piquete, que procurou dar ênfase especial ao evento, retomando sua importância. Um rancho tropeiro foi armado no recinto de festas da cidade. Uma trempe, moda de viola e café tropeiro servido aos visitantes chamaram a atenção. No rancho também podiam ser conhecidos todos os apetrechos utilizados numa tropa de burros. Carros de boi e carroções estavam expostos. A FCR, colaborando com a organização, montou uma pequena exposição sobre tropeirismo no estado de São Paulo, região do vale do Paraíba e Piquete.

No sábado, à tarde, um grandioso desfile pelas ruas da cidade, tomadas pelos moradores e visitantes, que saíam atraídos pelo som dos cencerros e pelo chiado dos carros de boi. Foi um sucesso.

Uma tropa compõe-se de, no mínimo,

oito animais, guiados por uma mula, a “Madrinha”, que segue à frente, toda adornada de argolas de metal, cencerros e guizos, orientando os burros e as bestas.

No desfile deste ano, havia cinco tropas: as dos Srs. Bráz Ferreira e Benedito Machado, de Piquete, a da Fazenda São João, de propriedade do Sr. Avelino de Assis, de Delfim Moreira – MG, a do Sr. Manoel “Cigano”, da Fazenda Pedra Preta, de Itajubá – MG e a do Sr. Francisco Alípio Carvalho. Enviaram suas boiadas e carros de boi os Srs. Luiz Carlos, Marcos Lobato Uchoa, Sinésio Ferreira e Carmelo Conte. Os carroções pertenciam ao Sr. Ronaldo Prado Nunes. Havia tropeiros de várias cidades, com destaque para o grupo de Guaratinguetá.

O principal organizador da festa foi o Sr. Ademir Laureano de Souza, com a colaboração dos amigos Júlio César de Souza, Atílio Marton e Paulo Celso Espíndola.

O Sr. Ademir, nascido na “Ponte de Zinco”, em Delfim Moreira, veio para Piquete, ainda criança, e adotou nossa cidade. Participou de todas as festas anteriores, porém, desta vez resolveu se engajar, para um melhor resultado. Lutou e conseguiu juntar as tropas, os carros de bois e apresentar o desfile. O resultado pôde ser notado nos comentários pela cidade: elogios e parabenizações de todos. O reconhecimento de um trabalho árduo é sempre gratificante. As idéias para a próxima festa são muitas. Esforços não serão medidos para que se obtenha maior êxito. A cultura tropeira faz parte de Piquete. A cidade começou a se formar com os tropeiros. Não podemos deixar que se esqueçam disso. É preciso valorizar nossas raízes.

“Flashes” do desfile de Carros-de-Boi e Tropas - 10-07-1999

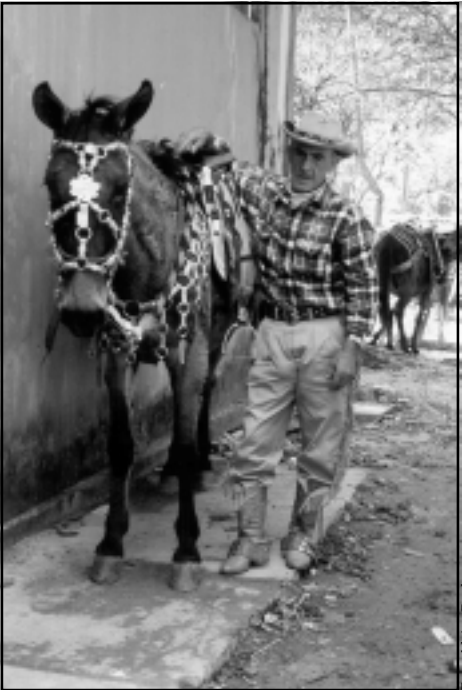


Foto Alzira Beckmann



Foto Alzira Beckmann



Foto Alzira Beckmann



Foto Alzira Beckmann

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

De cavalos e cavaleiros

(Para meu afilhado João Bosco Costa Ferreira e sua esposa Tininha)

Todos os anos, final de maio ou começo de junho, eles descem a Mantiqueira e concentram-se em Piquete. Dá gosto vê-los: camisas de xadrez, calças de brim, botas, esporas, capas, chapéus de abas largas e alforjes de couro. Vêm de várias paragens das Gerais: Delfim Moreira, Marmelópolis, Itajubá, Itanhandu, Passa-Quatro, Governador Valadares, Virgínia, Carmo de Minas... a tradicional mineirice nos gestos comedidos, nos termos regionais, no falar arrastado com erres bem fortes.

Aqui formam uma grande família, aglutinados pela fé à padroeira do Brasil. Seu destino - Aparecida. Nos olhos, o verde dos longos caminhos cavalgados e o brilho da devoção à Virgem Morena. Contemplá-la e murmurar-lhe preces compensam o sacrifício de tanto cansaço e desconforto. Há tanta coisa para lhe confiar e pedir: bênção para a lavoura e o gado, ação de graças pelas benesses recebidas, recados dos familiares...

São exímios cavaleiros, até os pequenos, que desde cedo aprendem a arte e as manhas da montaria. Nas suas mãos o cavalo parece um brinquedo: fácil conduzi-lo sem necessidade de gritos, xingamentos ou chicotadas.

Há os cavaleiros improvisados, desajeitados, gente aqui da cidade, mas que têm o gosto da aventura e se incorporam à romaria. Alguns, quais bonecos cômicos, desengonçados, provocam risadas e comentários jocosos.

Moças bonitas e garbosas, a maioria lá das Alterosas, misturam-se aos cavaleiros. Verdadeiras amazonas, o domínio das cavalgadas.

Piquete torna-se um cenário de festa. Com elegância, os jovens mineiros desfilam por nossas ruas: parecem "cow-boys", porém avessos à violência dos faroestes norte-americanos. Gente cordata, de muita paz e bem-querer.

Diante das moças piquetenses

multiplicam os sorrisos e tentam atraí-las, num ritual de sedução. À noite, os encontros nas praças e bares. A música sonoriza as horas. A bebida alcooliza a madrugada. Os sorrisos convertem-se em abraços e beijos. Hora de amar e pecar. O bar do Zé Macaco é um dos palcos dessas travessuras amorosas. Amanhã, aos pés da Santa, os olhos molhados de emoção hão de comovê-la para o perdão. Afinal, a carne é fraca e pecado é para ser perdoado. "A mesma culpa que vos há ofendido/ Vos tem para o perdão lisonjeado", já dizia o poeta barroco Gregório de Matos, em 1600, na Bahia, ao Cristo Crucificado. De mais a mais, romaria a cavalo, a Aparecida, é só uma vez por ano. Depois, a solidão da roça, léguas e léguas longe da cidade, os campos sem fim, o gado, a tropa de burros, a trabalheira do amanhecer ao anoitecer...

Há os que não se enroscam em rabos de saia - idosos ou casados. Preferem a companhia de uma cachaça, os cavalos plantados no chão, como estátuas, às portas dos botecos. Lá ficam a contar histórias e a ruminar saudades, até os galos amiudarem.

No dia da romaria, como por milagre, tudo desaparece: o sono, a ressaca, a música sensual e a mulher da madrugada. A Virgem Santa é a única bússola na peregrinação. Tudo amacia-se na fé, o pensamento polarizado para a imagem aparecida nas águas. Até a natureza fica mais bonita. E a cavalgada segue lentamente: bandeiras, roupas coloridas, conversas descontraídas e as surpresas dos caminhos...

Depois, o retorno para Minas. O corpo cansado, mas a alma leve. E lá no silêncio da paisagem sertaneja, a lembrança de duas mulheres. Uma - a sagrada, vestida de azul e coroada de ouro; certeza revê-la no próximo ano. Outra - a profana, dos abraços e beijos perfumados; só o acaso unirá novamente os dois destinos.

Crônicas Pitorescas

A fuga

Palmyro Masiero

Lá na capital das Alterosas, Belo Horizonte, um jogador do Vila Nova, era a sensação do futebol mineiro. Várias tentativas foram feitas, tanto pelo Atlético como pelo Cruzeiro, para levá-lo para suas equipes, mas ele resistia. Amava o Vila, que o revelara.

Eis que, de repente, ele rescinde o contrato, deixa o clube do coração e vem para o nosso Estrela. Os cronistas esportivos caíram de pau! O "Diário da Tarde", lá de BH, do dia 13 de janeiro de 1940, em reportagem sugere - tão sutilmente, que todo mundo entendeu - que o famoso jogador fugira da região para vir jogar em São Paulo. Fofoca pura, uai.

Claro que estão curiosos... quem? quem? Calma. que não vamos abandonar ninguém se afogando na curiosidade: foi o Mangabeira.

Antes de contar o que realmente aconteceu, peço àqueles que tiveram o privilégio de vê-lo jogar, para que fechem os olhos, levem o pensamento para uma partida estrelina pelo anos 40 e vejam, no vídeo da memória, aquele jogador que praticamente deslizava elegante pelo gramado, como um verdadeiro príncipe, carregando e distribuindo a bola com invejável maestria. Quem o viu jogando jamais se esqueceu. Com sinceridade, no mesmo estilo e carinho no trato com a pelota como o Mangabeira, dos que vi jogarem no cenário brasileiro, apenas achei paralelo no Danilo do Vasco, no Bauer do São Paulo e no Ademir da Guia do Palmeiras. Claro que isso é papo pra gente que está com a cumbuca repleta de anos já vividos. Atualmente não vemos mais jogadores com aquela postura donairoso.

Mas vamos à "fuga" do Mangabeira. Naquele tempo, o profissionalismo no futebol era tão cínico quanto fazer jejum de barriga cheia. Ganhava-se mal e o atleta não possuía qualquer perspectiva mais segura ao final da carreira. Pessoa inteligente, achou por bem, o Mangabeira, deixar o futebol profissional e ingressar no serviço público federal, com rima e tudo. E veio, a convite, para o Estrela, não como futebolista pago para jogar, mas como operário da Fábrica de Piquete. Como nesta o futebol era um esporte regulamentado, "aproveitavam" os bons de bola na sua equipe, que disputava o campeonato amador do Estado. Ao final da carreira o jogador continuava empregado. Segurança no futuro.

Como se vê, não houve fuga alguma. Simplesmente o Mangabeira - pessoa amável e distinta - trocou o futebol profissional por um cargo no serviço público. Deve ter ponderado com seus botões: "fama envelhece e não dá comida a ninguém".

Ah! se fosse hoje, jogando aquele bolão que o distinguia, correndo pelo tapete verde com a plasticidade de um bailarino, certamente estaria brilhando nos gramados europeus, ganhando "ões" em dólares. Pergunta-se: trocaria tudo por um cargo sólido no serviço público nacional? Aposto que não, pois na atual conjuntura, a única coisa realmente segura no Brasil é a insegurança.

Desfile de Tropeiros, em Piquete. Foto de 1998.



Foto arquivo Pro-Memória

REDESCUBRA SUA CIDADE



Vista da Rua Ten. José Mariano.

Rua Ten. José Mariano

Uma das quatro primeiras a serem denominadas, após nossa emancipação política, na sessão da câmara de 1º de dezembro de 1891, por indicação do Ver. Antônio Tristão. À época, ela iniciava na atual rua Maj. Carlos Ribeiro e subia até ao Hotel Santa Cruz (mais tarde “das Palmeiras”), residência do Ten. José Mariano. O Hotel foi derrubado para a abertura da Estrada Lorena-Itajubá e a subida que recebia o nome foi ocupada para a construção do Posto Policial (uma placa a denomina: Maria Eufrásia Couto). Hoje, a Rua Ten. José Mariano começa na Praça Mal. Mallet e segue até à Praça 15 de Junho.

O Ten. José Mariano Ribeiro da Silva é a maior figura da história piquetense. “A alma criadora do lugar”, nas palavras do historiador Theodoro Sampaio. Nascido em Guaratinguetá, a 19 de março de 1846, desde moço radicou-se em nosso rincão, daqui jamais saindo. Líder nato, junto a outros

trabalhou para transformar o bairro do Piquete em Freguesia, o que aconteceu em 1875. Elegeu-se vereador à Câmara Lorenaense para o quadriênio 1883/6, sendo seu Presidente em 1885. Republicano, após a queda da monarquia, foi indicado como Intendente. Amigo e correligionário de Américo Brasiliense, após reunião com este, em Lorena, 1890, ficou acertada a elevação da Freguesia de São Miguel do Piquete para Vila (cidade). Assim, como Governador nomeado em 7-3-1891, Américo Brasiliense cumpriu sua promessa e, em 17 de Maio desse mesmo ano, sancionou o Decreto 166, que elevava a Freguesia do Piquete à condição de Vila Vieira do Piquete, oficializada em 15 de Junho, com a posse de nossos primeiros Intendentes. Várias vezes eleito vereador e Presidente da Câmara (prefeito) da Vila Vieira, deixou a política ativa em 1906. Veio a falecer em 24 de junho de 1917.

Educação Ambiental vira lei

A partir de agora, todas as crianças vão estudar a importância de se cuidar da natureza. Educação Ambiental é a nova disciplina no currículo das escolas públicas e particulares. A Lei que institui a Política Nacional de Educação Ambiental foi sancionada pelo Presidente da República, depois de ficar durante seis anos no Congresso Nacional. “As questões relativas à natureza serão discutidas dentro da sala de aula para mostrar que é possível melhorar a qualidade de vida desde cedo”, explica Fani Mamede, gerente de Planejamento em Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, em Brasília.

Essa lei vem ao encontro dos objetivos da Fundação Christiano Rosa,

já que intenciona inculcar a necessidade de preservação do meio ambiente, para que se consiga uma melhoria na qualidade de vida da população. Resta, agora, esperar que seja aplicada com métodos criativos. Somente desta maneira conseguir-se-á prender a atenção dos alunos e fazer com que eles realmente se interessem pela assunto. Devemos transformá-los em agentes protetores voluntários da preservação ambiental. A divulgação conseguida através das crianças alcançará seus familiares e vizinhos. Isso multiplicará os agentes e a conservação da natureza.

É uma ponta de esperança que renasce. Parece que temos, ainda, algumas cabeças pensantes no nosso Congresso Nacional!

Cadeira de Balanço

Ultimamente tenho apreciado muito a velha cadeira de balanço que ofertei ao meu saudoso pai, num dos seus aniversários. Já há tantos anos... Nem me lembro quantos!

Colocada na sala de estar, junto a uma pequena mesa onde ficava o rádio, reinava ela, soberana, admirada pelo seu bleo porte colonial.

Nela, papai ficava horas esquecidas, embalado pelo seu vai-vem monótono, ouvindo rádio ou lendo jornal, com séria expressão no rosto.

Obstinado torcedor do Vasco da Gama, ouvia o jogo, tendo ao lado uma cervejinha, para brindar os gols do time favorito. Nós, ao redor da cadeira, também torcíamos, nem tanto pelo gol, e sim pela Brahma geladinha.

Dentre os programas de rádio que apreciava, lembro-me: Repórter-Esso, Balança, mas não cai, nas noites de sexta-feira e César de Alencar, aos sábados.

Veze outras, o balanço manso da cadeira levava-o a tirar uma “pestana”; lentamente eu lhe tirava os óculos e o jornal deslizava de suas mãos já soltas, relaxadas.

Ao redor dessa cadeira, vi meus pais discutirem finanças, problemas familiares e muitos outros assuntos que nos meus verdes anos não conseguia entender.

A velha cadeira de jacarandá e palhinha assistiu ao crescimento de muitos netos, sobrinhos meus que, no colo de minha mãe adormeciam ouvindo estórias e cantigas de ninar.

Olho agora para a cadeira e não posso deixar de recordar. Tinha eu quase dezoito anos quando nasceu minha primeira sobrinha, Sônia. Balançava calmamente na cadeira, quando minha mãe me colocou o bebê nos braços. Nesse momento todo o resto desvaneceu: o barulho familiar da casa, minhas preocupações juvenis com escola, professores, estudos, colegas... Segurei com cuidado e emocionada aquela criança, cingindo-a ao peito, protegendo-a. Momento de mágica ternura!

Aquela cadeira me pareceu um pedacinho privativo do céu, meu e dela. Um lugar encantado, seguro e feliz.

Tenho fotografias e mais fotografias de meu pai, minha mãe, irmãos, tios e sobrinhos, sorrindo felizes ao redor da velha cadeira, móvel que favorece o estado contemplativo, tranqüilo, desprovido de pressa.

Lembro-me de que era local escolhido por meu pai para meditar sobre desapontamentos, angústias, enfim toda sorte de fatos que envolviam nossa família. Para isso, ela era ideal.

Muitos de nós a procurávamos em momentos tristes de grandes decepções, segredos, cumplicidade e até mesmo de autodescoberta.

Hoje, a velha cadeira, como rainha, está instalada na varanda de minha casa, imponente pelo tamanho e familiar pela idade.

E quando me visitam parentes, é disputa acirrada para ocupar a velha cadeira que já embalou tantos sonhos...

Eunice Fernandes



Tropa de burros, durante o desfile do dia 10-07-1999

Notas da Cidade

□ O Museu Municipal foi reaberto. Mais uma vez o trabalho e dedicação do Sr. Carlos Vieira Soares alcançam resultados. Fotos, trabalhos artesanais e peças contam a história de Piquete. Visitem e apóiem.

□ Seminário promovido pela Caixa Econômica Federal, no Montanhês Clube de Piquete, no dia 22 de junho, apresentou uma síntese do perfil municipal e um filme institucional sobre nosso município. A finalidade do evento foi de fomentar a cidadania, fazendo com que a comunidade, através de debates, consiga encontrar soluções para seus problemas.

□ Tomou posse, no dia 14-07-99, a nova diretoria do Rotary Clube de Piquete e da Casa da Amizade. A nova presidente do Rotary é a Sra. Neide Maria Claudino. A posse do Conselho Diretor contou com a presença de representantes de clubes de várias cidades e de autoridades civis e militares. Desejamos que o Rotary seja novamente uma entidade ativa e pareticipante em nossa comunidade.

□ O COMTUR promoveu, na Câmara Municipal de Piquete, uma palestra da Profa. Luciana T. de Almeida, com o tema “Ecologia com base na economia”. Com explanações bem feitas, a palestrante, piquetense, doutoranda em Economia pela UNICAMP, professora e pesquisadora na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara, apresentou as idéias contidas em seu livro “Ecologia com base na economia – Desenvolvimento Sustentável”.

□ Aconteceu, no dia 21-06, a formatura da primeira turma de alunos de 4ª e 5ª séries, no P.R.O.E.R.D. – Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência, da Polícia Militar do Estado de São Paulo. O trabalho merece elogios: ajuda a reconhecer as pressões que assolam as crianças dentro e fora das escolas, e a elas resistir.

Parabéns aos organizadores e aos policiais que participaram. Que esta seja, realmente, apenas a primeira de uma série de formaturas.

Manifesto aos representantes dos Poderes Públicos Municipais do Vale do Paraíba

O Instituto de Estudos Valeparaibanos, pensando na população do Vale do Rio Paraíba do Sul, considerando:

1. A premente e imperiosa necessidade da sociedade reduzir os níveis de degradação ambiental e mesmo de promover a reposição da cobertura vegetal; 2. A explosão da ocupação das terras em decorrência do processo de expansão industrial da região; 3. A necessidade de se criarem mecanismos que reduzam os danos ambientais decorrentes desse processo de expansão industrial; 4. A preocupação em entregar às próximas gerações um mundo ecologicamente mais estável; 5. As preocupações expressas pela nações na “Agenda 21”, da qual o Brasil é um dos signatários; 6. A urgência de se preservar o Rio Paraíba do Sul, fonte de

suprimento de água para as populações e para os processos econômicos dependentes do seu curso; 7. E, ainda, em defesa da estética nos processos de ocupação de terra, vem a público solicitar aos representantes dos poderes públicos municipais do Vale do Paraíba a criação de mecanismos legais que venham a impor a destinação de espaços de preservação ou reposição ambiental: **a)** nas novas ocupações urbanas, que se destinem a parques públicos e áreas de lazer, devidamente arborizadas; **b)** nas novas ocupações industriais ou empresariais diversas, área mínima de 10% para reflorestamento com árvores nativas, e também áreas de lazer.

Roseira, 26 de junho de 1999.
A Diretoria.

Cuidado! É fogo!

Estamos no inverno, caracterizado por baixas temperaturas, alguns dias com neblina e garoa, outros com muito sol e, principalmente, ausência de chuvas. Com isso, a vegetação como um todo, observando o ciclo natural da vida, armazenou alimentos e energia para suportar os tempos difíceis da estiagem. A pastagem dos campos escasseia e o gado recebe complemento alimentar nos currais e estábulos das fazendas.

O avanço do inverno castiga a vegetação, deixa tudo muito seco e o risco de incêndio torna-se iminente. Com a ausência das chuvas, normalmente as pessoas se aventuram em caminhadas por trilhas entre florestas e montanhas e escaladas de picos. Nessas atividades, todo o cuidado deve ser observado, uma vez que uma pequena fogueira iniciada à noite e esquecida de ser apagada totalmente pela manhã pode colocar em risco toda uma floresta, afugentando ou matando animais silvestres. Pode contribuir para isso o descarte indevido de um palito de fósforo aceso, o restante de um cigarro e, até mesmo, um pedaço de vidro que, recebendo o calor do sol durante o dia, pode dar início a um grande incêndio. Entretanto, o que mais preocupa a defesa civil e o corpo de bombeiros é o processo das “queimadas”, praticado por muitos fazendeiros e ruralistas. Aliás, essa prática herdada de nossos índios de fato tem um custo muito baixo comparativamente ao trabalho braçal ou mecânico de preparar a terra para o próximo plantio. Se repetida todos os anos, a “queimada” pode tornar a terra improduti-va. Isso porque com a temperatura durante o incêndio ultrapassando os cem graus centígrados, os hidrocarbonetos orgânicos existentes no solo e importantes na dieta alimentar das plantas, se carbonizam. E os pequenos e minúsculos seres vivos, importantes no processo de crescimento das plantas, experimentam a morte. Infelizmente, na região valeparaibana e em Piquete, todos os anos assistimos a esse deprimente processo de “queimadas”. Por isso é importante que se faça um permanente trabalho de conscientização dos fazendeiros e ruralistas, para que a herança indígena seja apagada. A Rede Globo de Televisão do Vale do Paraíba, atenta ao problema, está inserindo, nos intervalos de sua programação, vinhetas sobre os riscos de incêndios às margens das rodovias e sobre o perverso uso das “queimadas”. A Polícia Florestal, por sua vez, deve estar atenta ao problema e, mesmo com as dificuldades existentes, atuar firmemente na área rural, não somente no sentido da fiscalização e da punição, mas fundamentalmente, da conscientização.

A água para os seres vivos representa a continuidade da vida. O fogo, ao contrário, representa a esterilidade, a destruição de vidas, a destruição da biodiversidade e do patrimônio.

No caso particular de nossa cidade, com setenta por cento da área do município inseridos em área de preservação ambiental (APA) e onde existe um oásis de Mata Atlântica (floresta da IMBEL), a nossa preocupação, nesse período de estiagem, deve ser um dever de todos nós. Isso porque com fogo não se brinca e como diz um antigo ditado popular, “todo cuidado é pouco”.

Celso Colombo